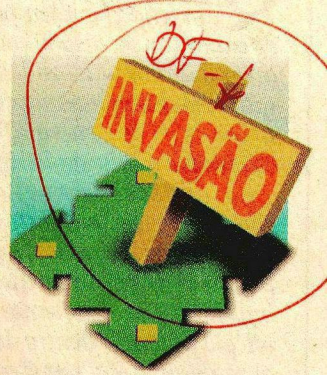


UM DIA DE INVASOR



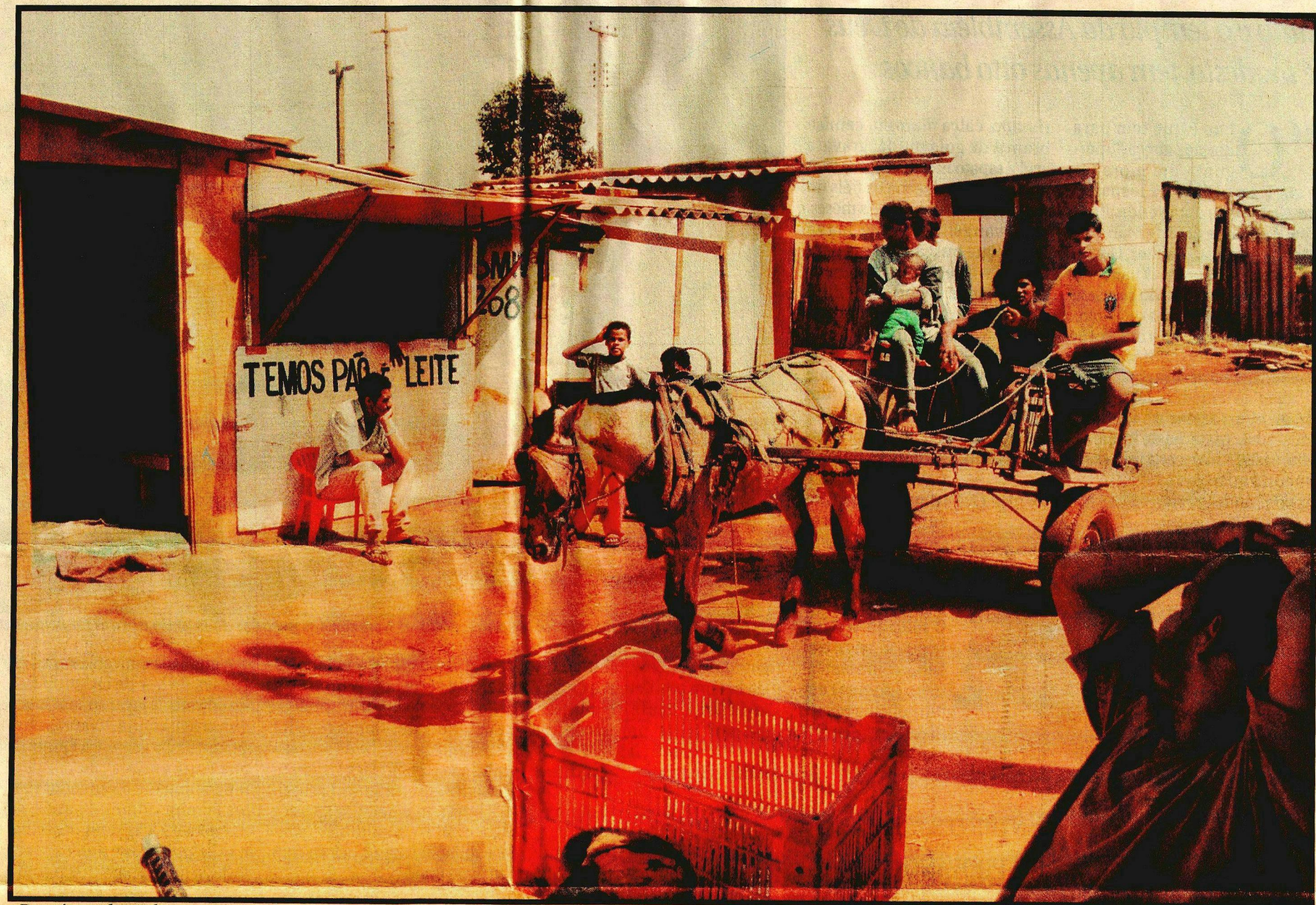
ENTRE ORAÇÕES E GOLES DE CACHAÇA, O TEMPO PASSA LENTAMENTE NA QUADRA 601 DO RECANTO DAS EMAS

Marcello Xavier (texto)
Jorge Cardoso (fotos)
Da equipe do Correio

As horas demoram a passar mais do que em qualquer outro lugar da cidade. Os dias se arrastam. Mas o povo não está nem aí para isso. Toca a vida como pode sem se importar com a "lentidão" dos ponteiros do relógio. As mulheres, grande maioria, gastam o dia nos afazeres domésticos. Lavam roupas nos tanquinhos ou em bacias de alumínio, amassadas e escurecidas pelo tempo. Preparam as refeições no velho fogão. Cuidam dos filhos pequenos, que brincam seminus ou inteiramente sem roupa. E jogam conversa fora com vizinhos nos momentos vagos, que não são poucos. Uns rezam, outros bebem para afogar as mágoas ou esquecer dos problemas. Há os que nada fazem o dia inteiro. É assim a vida em uma das tantas invasões do Distrito Federal, na quadra 601 do Recanto das Emas.

A invasão nasceu há nove meses. Durante o governo passado, a área foi usada como moradia provisória para invasores removidos de outras cidades do Distrito Federal. Mas a energia elétrica e água servida, para aquelas famílias que aguardavam o canto definitivo, atraíram outros invasores, que começaram a chegar de todos os lugares, e foram fincando os barracos.

Numa área de quase 3 mil metros quadrados, moram perto de 200 famílias, segundo esti-



Ruas irregulares de terra servem de caminho para carroças, um dos principais meios de transporte dos invasores do Recanto das Emas, enquanto se espera o tempo passar

mativa da Administração Regional do Recanto das Emas. Cinco pessoas é o número médio de ocupantes dos barracos, feitos em madeirite sobre o chão de terra batido e telha de amianto, que contribui para elevar o já insuportável calor.

Conseguir um lugar à sombra, aliás, é tarefa quase impossível. Há, no máximo, algumas arbus-tos nos arredores da quadra. Durante a seca os redemoinhos são comuns e levantam nuvens de poeira que encobrem o lugar e entram nos barracos.

As ruas de traçado irregulares são estreitas e entrecortadas por "riachos" de água suja que saem dos barracos e escorrem para todos os lados. Endereço é difícil de achar. Não existe CEP, conjunto, numeração seqüenciada, nada. É um lugar em que o três nem sempre vem depois do quatro.

Os invasores da quadra 601

têm água e luz servidos regularmente. Um luxo que a maioria das invasões não tem. A água vem de um poço artesiano abandonado por uma empresa, que antes ocupava aquela área e mudou-se.

Os invasores compraram uma bomba d'água. "Aqui ninguém paga pela água usada", afirma Jonas dos Santos Matos, 30 anos, encarregado de "tomar de conta" da bomba, para que ela não queime.

Jonas, que diz ser um dos mais antigos moradores da invasão, é quem faz as ligações de água da bomba até os barracos, ao custo de R\$ 5. A cobrança pelo serviço é justificada pela compra do material e manutenção do equipamento. "Não ganho nada pelo serviço. Uso o dinheiro para comprar fusíveis para a bomba e canos." Metros de uma encanação improvisada levam água até os barracos.

QUENTE DE DIA, GELADO À NOITE

O banheiro deixa um cheiro desagradável no barraco, amenizado por um balde de água jogado no local

Barracos de invasão são todos parecidos — uns maiores outros minúsculos. Divididos em cômodos ou não. Simples: tem apenas um ou dois vãos, uma sala-cozinha e quarto-banheiro, respectivamente. De dia, muito abafados, só têm a porta e uma janela — quando têm —, e, à noite, gelados. De bater o queixo, contam os moradores. "Vão entrando, mas não reparem a bagunça. Sabe como é casa de pobre...", convida o cearense Manoel Rodrigues Matos, 65 anos completos amanhã. Desempregado há quatro anos, vive de fazer bicos como

pedreiro na invasão, onde vive há poucos meses.

O barraco onde moram Manoel e a mulher Maria de Souza Matos, 56 anos, e eventualmente três dos nove filhos e uma neta, tem "sala", com dois sofás de tecido puídos e encardidos, uma cadeira furada e uma mesa. Sobre ela, a TV 18 polegadas emprestada de um vizinho — o aparelho eletrônico mais comum. A parede é decorada com uma gravura da Bíblia Sagrada.

Mais adiante está a cama de casal — única na casa. Os filhos e netos que aparecem dormem espremidos em colchões no chão. Ao lado, o banheiro, que deixa um odor desagradável porque não há esgotamento sanitário. Os dejetos do vaso vão parar numa fossa. "Jogamos um balde de água para limpar", diz Maria de Souza.

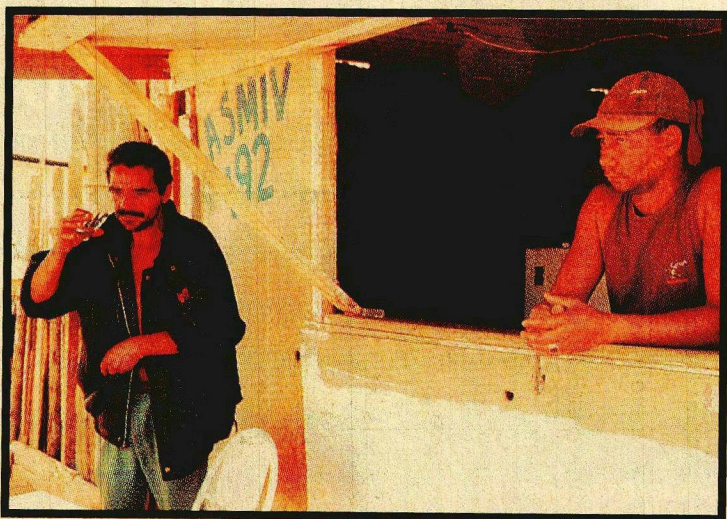
À esquerda, está a cozinha, onde Maria prepara a comida para a família num fogão de seis bocas "arranjado por aí." Peixe,

frango, feijão, fubá, cuscuz de milho, são a base da alimentação do casal. A garrafa térmica, com café semprequentinho, está à postos para as visitas que chegam, servidas com copos de geléia. "Vai um copinho?", oferece seu Manoel, sempre simpático.

A geladeira amarela conserva o pouco que a família consegue comprar. "Pingou dinheiro, corro para o mercado fazer uma comprinha", conta Maria. Os produtos em casa são comprados em um dos tantos mercadinhos espalhados na invasão, onde pode-se encontrar de tudo, de comida a material de limpeza, de higiene até medicamentos, vendidos sem qualquer prescrição médica.

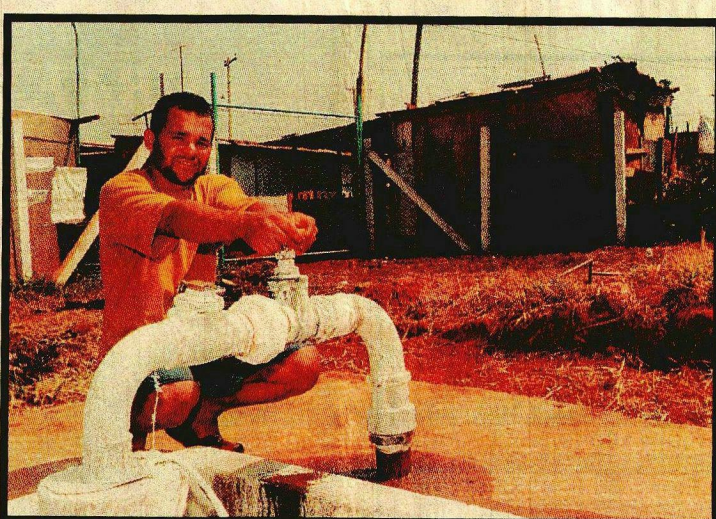
LEIA MAIS

Matéria sobre invasão na página 2



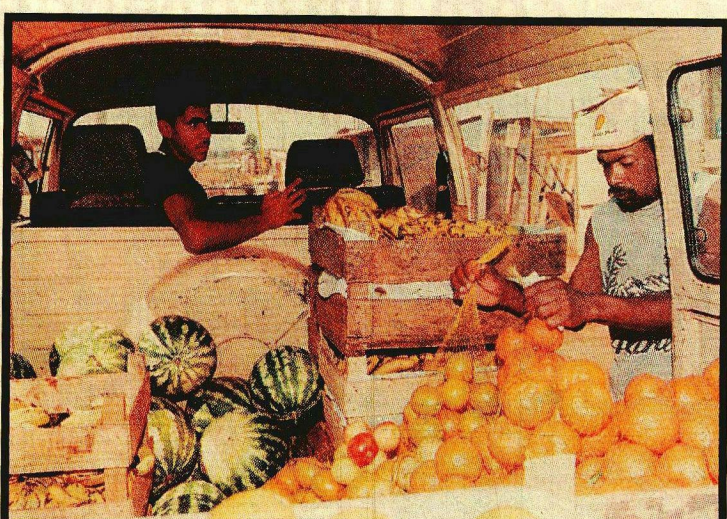
DOSES DA MARDITA

No bar do baiano Orlando Araújo de Oliveira, a pinga é um dos produtos mais consumidos desde a manhã e clientes nunca faltam



O DONO DA ÁGUA

Os moradores da invasão se cotizaram para comprar um motor e aproveitar um poço que já existia. Jonas Matos toma conta



FRUTARIA AMBULANTE

Carlos Pereira Gomes passa duas vezes por semana numa kombi, vendendo frutas e anunciando os produtos pelo microfone